



Cada povo tem uma maneira própria e peculiar de explicar a origem e a criação da humanidade. Na introdução do Livro A mitologia heroica dos índios Desana: antes o mundo não existia (Livreria Cultura Editora, São Paulo, 1980), do qual transcrevemos parte do terceiro capítulo, sobre o mito da criação da humanidade, a antropóloga Berta Ribeiro explica-nos que, "no nível ideológico, as culturas indígenas do noroeste amazônico e, mais particularmente, da área cultural do Rio Negro, comungam de uma mesma visão cosmogônica, de um conjunto de crenças, ritos e práticas comuns a todas elas, que explicam sua origem e seu modo de ser". Segundo Berta Ribeiro, apesar da criação da humanidade no bojo de uma imensa cobra-canoa ser comum a toda a área cultural do Rio Negro, ela apresenta, na verdade, grandes variações de uma tribo para outra.

O relato de como a humanidade emergiu a superfície da terra, que aqui publicamos, foi apresentado pelos índios Umúsin Panlôn Kumu e Tolamán Kenhíri, batizados com os nomes de Firmiano Arantes Lana e Luiz Gomes Lana — pai e filho. Os dois são do povo Desana e nasceram em uma maloca que o pai de Umúsin, também chamado Tolaman ou simplesmente José, construiu na margem direita do médio Tiquié, afluente do Uaupés, tributário do Alto Rio Negro.

Emêkho sulân Panlâmin começou a dividir a humanidade à medida que ia saindo à superfície da terra. Por isso em Ipanoré há tantos buracos nas pedras. A pabemlin gabsilu continuou no fundo da água, não veio à tona. Somente aquelas tribos saíram à superfície da terra. Cada qual saiu acompanhado de sua mulher, formando uma fila.

O primeiro a sair foi o chefe dos Tukano que, em tukano, se chama Doé tiró (traíra, cabeça chata), sendo mais conhecido como Wabur. É o obpê dos Tukano, era como o Criador. Isto é invisível. Em segundo lugar saiu Emêkho máhsân Boléka. Ambos levavam consigo as riquezas que Emêkho sulân Panlâmin tinha pedido a Emêkho íehkê, o terceiro trovão, na emêkho wi (universo, casa) (...)

(...) O terceiro a sair à superfície foi o Pirá-Tapuya. O quarto foi o Suryana. O quinto foi o Baniwa. Este saiu com arco e flecha e logo reteçou o arco para experimentá-lo. Por isso, os Baniwa são bravos. O sexto a sair foi o Peoná (Máku).

A todas essas tribos, Emêkho sulân Panlâmin disse: "Dou-lhes o bem-estar; dou-lhes riquezas das quais vocês nasceram". Dizendo isso, estava dando-lhes o poder de serem mansos, de fazerem grandes festas com danças, reunindo muita gente, de conviver bem com todos e não guerrear. Tanto assim que os ancestrais dessas tribos nunca fizeram guerra, porque Emêkho sulân Panlâmin lhes fez essa recomendação.

O sétimo a sair foi o branco, com a espingarda na mão. Então Emêkho sulân Panlâmin lhe disse: "Você é o último; dei aos primeiros todos os bens que eu ti-

virou as costas, deu um tiro com a espingarda e seguiu para o sul. Entrou na vigésima primeira casa, situada em São Gabriel. Ali mesmo fez a guerra. Na pedra que existe nesse lugar, vêem-se figurinhas parecidas com soldados, com capacete e espingarda, todos ajoelhados, dando tiros. Já que Emêkho sulân Panlâmin deu ao branco o poder de fazer guerras, a guerra é para ele como uma festa. Por isso, os brancos fazem guerra.

O oitavo a sair foi o padre com o livro na mão. Emêkho sulân Panlâmin mandou que ele ficasse com o branco. Por isso, nossos avós sabiam que existia padre.

Os primeiros a sair ficaram em fila, conversando uns com os outros, contentes. Nisso, ouviram um barulho atrás. Era outro ser invisível que estava surgindo. Ouvindo o barulho, perguntaram: "Quem é aquele ali?" Alguns disseram que não sabiam. A maior parte disse: "É wabur" (fantasma ou demônio). Por isso recebeu o nome de wabur. Ele existe na mata. Parece gente, mas não é como as outras pessoas. Se tivessem dito "gente", seria como qualquer um de nós.

Feito isso, Emêkho sulân Panlâmin deu ordem a todas as tribos que emergiram à superfície da terra a continuarem sua viagem (...)

(...) Esta é a história da criação da humanidade. Cumprindo ritos cerimoniais, cada casa invisível teve a sua função. Assim diziam nossos antepassados.

O trabalho de Emêkho sulân Panlâmin não durou para sempre. Houve três grandes desastres: dois incêndios e um dilúvio, que fizeram desaparecer e surgir de novo toda a humanidade. O Criador do universo teve de renovar, seguidas vezes, o seu trabalho. Desapareceram três grupos da humanidade. O quarto grupo, o que existe atualmente, somos nós. Depois de ter feito o quarto grupo, o criador do universo disse: "Está dando muito trabalho recomençar tudo de novo". E, dirigindo-se ao quarto grupo, que somos nós, disse: "Agora deixem os em paz. Não vou mais castigá-los".

A criação do mundo, segundo os Desana

... Como é o último, deve ser uma pessoa sem medo. Você deverá fazer a guerra para tirar a riqueza dos outros. Com isso encontrará dinheiro". Quando Emêkho sulân Panlâmin acabou de dizer isso, o primeiro branco